

## METODOLOGIAS ETNOGRÁFICAS SUBVERSIVAS: AS POÉTICAS DAS GRAFIAS

SUBVERSIVE ETHNOGRAPHIC METHODOLOGIES: THE SPELLINGS' POETICS

Patrícia **Pinheiro**<sup>1</sup>

Alexsânder Nakaóka **Elias**<sup>2</sup>

Fotografias, vídeos, escritas. Atividades ou oficinas de lambe-lambe, fanzine, manuseio de plantas, bordado, fuxico. Poesias, colagens, desenhos, arte de rua. O traçar, registrar, clicar, alinhar, rabiscar e escrever são partes de um universo de expressões que têm atravessado o fazer etnográfico e reverberam nesse encontro que chamamos Antropoéticas. As poéticas das grafias, diversas entre si, mais do que uma novidade na Antropologia, mostram sua robustez na sensibilidade renovada e presente na busca por compreendermos os desafios impostos pelo mundo contemporâneo com novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi-interpretáveis.

Mas o que nos dizem as grafias produzidas nesse fazer etnográfico? Elas podem trazer consigo um lugar a ser apresentado, uma narrativa a ensinar, uma memória a guardar, uma crítica a fazer, uma reflexão a manifestar, um território a proteger, uma música a embalar. Expressam parte de um processo de levar nossa atenção a detalhes que saltam aos olhos. Recobrem diferentes dimensões do que é dado a ver (Brandão, 2004), atravessadas por quem faz, quem narra, quem tem a salvaguarda da história, quem a ouviu e agora tem a responsabilidade de cuidá-la e/ou repassá-la.

Nessa perspectiva, as imagens não aparecem apenas ilustrando a cena, como se fossem testemunhas de uma determinada realidade, mas sim etnografam junto com as palavras. Para Brandão (2004: 33), a imagem (o autor fala em especial das fotografias) em um texto ou como texto pode passar “de recurso de informação complementar a um elemento lógico, crítico e também poético na leitura de um trabalho”, ao agregar a imagem “como um artefato dado ao olhar, com a interpretação do seu objetivo pelo leitor olhador e, ainda, com a compreensão dos motivos pessoais do etnógrafo fotógrafo” (Brandão, 2004: 33). E mais que um traço ou enquadramento perfeito, acabam sendo permeadas por sentidos, entre o realismo daquilo que

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Integração Latino Americana (Unila), Brasil. E-mail: [patriciasantspinheiro@gmail.com](mailto:patriciasantspinheiro@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. E-mail: [alexdefabri@gmail.com](mailto:alexdefabri@gmail.com)

é dado a ver e aquilo que não é mostrado ou se o é, pode levar a várias interpretações possíveis, polissemicamente. Contém um processo, com muitas camadas de relações.

Ao longo dos últimos cinco anos, uma série de encontros fecundos tem agregado ampla gama de pesquisadoras e pesquisadores, que buscam, de algum modo, expressar as tramas polissêmicas das grafias, potencializando os diálogos entre conhecimentos acadêmicos, conhecimentos populares e suas ressonâncias. O presente dossiê surgiu a partir da organização do GT “Antropoéticas: outras (etno)grafias”, por nós coordenado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em 2020. Tal iniciativa deu continuidade aos encontros, oficinas e publicações (Pinheiro, Magni, Kosby, 2019) desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Antropoéticas, vinculado ao “Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som” (LEPPAIS/UFPel), coordenado por Cláudia Turra Magni e Daniele Borges.

Essas atividades tiveram/têm como objetivo reunir pesquisadoras/es que promovam, em suas pesquisas, as relações entre poética e Antropologia na composição de uma “antropografia” (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão. Foi o caso das atividades desenvolvidas durante a Pré-RAM e a RAM em 2019, respectivamente em Pelotas e Porto Alegre, durante as quais realizamos intervenções de rua como a Sala de Passar, na qual nos unimos ao Mercado de Pulgas, localizado em frente ao Mercado Público de Pelotas (RS), com uma réplica de uma sala, com várias possíveis interações, como um torno de cerâmica; uma mesa de desenhos, com papel, lápis, canetas e tintas disponíveis aos transeuntes; uma série de caixas sensoriais, nas quais as pessoas eram convidadas a sentir os objetos sem visualizar do que se tratava. Alguns desses objetos, aliás, continham também cheiros.



Intervenção antropoética com Sala de Passar, durante a Pré-RBA. Mercado de Pulgas, no Mercado Público, Pelotas/RS, autora: Aina Azevedo, 2019.

Também organizamos um pré-evento na 32ª RBA, intitulado “ABRA”, que contou com uma exposição virtual (em <https://www.antropoeticas.com/gt-antropo%C3%A9ticas>). Essa estratégia se verificou fértil para pensarmos alternativas mais inclusivas de interação em um formato que dá ênfase ao que chamamos de “experiências virtuais-sensoriais”, tais como texturas sonoras, fotografias, desenhos, filmes, escrita, poesia, performances etc., muitas vezes fruto de aproximações entre áreas de saber distintas, como as Artes, a Música, a Comunicação e a própria Antropologia. Mais recentemente, em 2021, passamos a compor, junto com colegas da Venezuela, Colômbia e México, o GT Antropoéticas da Associação Latino-americana de Antropologia (ALA).

Os múltiplos e instigantes eventos propostos até o momento, sejam eles intervenções urbanas, oficinas, grupos de trabalho, etc., promovem debates sobre os desafios teórico-metodológicos decorrentes dos diálogos antropoéticos, assim como de investigações que extrapolam as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão, trazendo à tona os efeitos de racismos, machismos, ataques às condições de vida no planeta e ao ensino público, mas também a vida na urbe, musicalidades diversas, grafismos, etc.

Nesse processo, a necessidade de organizar tantas reflexões e experimentações que relacionam o poético, o ético, o experimental e o estético em uma publicação tornou-se urgente. Isto porque, ao pensar, escrever e questionar (e sermos questionados/as por) grafias diversas,

as discussões que perpassam os eventos mencionados se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo e que propiciam um tipo de pensamento (multis)sensorial. Algumas delas estão sendo apresentadas neste dossiê.

“Canto, imersão e intensidade no Toré Kariri-Xocó - o audiovisual como tradução da experiência musical”, de Alice Villela, é embasado na obra audiovisual “Toré” (2022). O artigo e o curta-metragem trazem várias formas de grafar o conhecimento etnográfico, seja pela escrita e/ou pelo audiovisual, sendo que este último dá lugar, ainda, à esfera narrativa, à oralidade. Essa relação entre texto, som e imagem, muito profícua e necessária, que a autora nos apresenta, expõe uma temática central para a Antropologia, a saber, o movimento de Retomada das terras indígenas, especificamente, neste caso, dos Kariri-Xocó, etnia “que vive na beira do rio São Francisco, no estado de Alagoas”. Para tanto, Villela dá a ver e ouvir esse grupo, comumente invisibilizado e silenciado pelas narrativas e ações ocidentais/hegemônicas. É riquíssimo, quando, por exemplo, somos remetidos às narrativas orais de Pawanã, à mitologia e às experiências de vida, individuais e coletivas, dessas pessoas/grupo (etnobiografias). No escopo metodológico, a (re)montagem mostra-se como processo criativo e reflexivo instigante, (re)criando as performances musicais filmadas.

“A Vazante: Por uma Antropologia Poética”, de Juliana dos Santos Nunes, aborda a relação entre poesia e Antropologia a partir do trabalho de campo da autora na fronteira sul do país, mais especificamente nos municípios banhados pelas águas da Lagoa Mirim, entre as cidades de Jaguarão, no Brasil; e Rio Branco, no Uruguai. Nunes, que também é poetisa, se alinha com uma etnografia e escrita criativas, nos mostrando as suas “caminhadas anfíbias”, nas quais buscou perceber a cidade a partir dos fluxos das águas da Lagoa, em diálogo com as pescadoras e os pescadores artesanais da Colônia Z25 de Jaguarão.

O trabalho de Luan Gomes dos Santos, “Um guardião do guardião: o oco do mundo e as cartas etnográficas”, apresenta a trajetória do “Velho do Rio”, o poeta e guardião de histórias Robson Marques, e sua relação com o Vale dos Dinossauros, no sertão paraibano, em Sousa (PB). O autor relata os encontros com o Velho do Rio em diferentes momentos de sua trajetória, mostrando locais com os quais ele se conecta: o Sítio Jangada, o Vale dos Dinossauros, a cidade de Sousa e o Rio do Peixe. Tendo as “cartas para o mundo” como método de produção do conhecimento que aproximou o sábio e o pesquisador, entrelaçadas pelas poéticas, Santos traz interessantes contribuições para as relações desenvolvidas nesse processo de pesquisa e para além dele.

Sara Caumo Guerra, no artigo “Documentar”, faz uma descrição detalhada sobre o encontro da pesquisadora com dois interlocutores, um homem e uma mulher socialmente vistos como loucos. Ambos apresentam a ela as materialidades burocráticas que seriam pretensamente legítimas em nossa sociedade, como documentos, reportagens em jornal impresso, etc., posicionados como provas nas lutas incessantes contra o que consideravam injustiças em suas vidas. Na ação de juntar documentos, eles são “provas verificáveis” de suas histórias, que eles constroem dentro de múltiplas possibilidades da verdade.

Em “Itinerários do corpo na cultura terapêutica contemporânea e a experiência das Constelações Familiares e do Grupo de Experimentações em Oráculo Corporal”, Augusto Waga evoca a prática das Constelações Familiares como movimento “oraculista-terapêutico”, “como forma de resolução de problemas de ordem ‘sistêmica’”. Para tanto, o autor parte de sua pesquisa com o “Grupo de Experimentações em Oráculo Corporal” (GEOC), sediado na cidade do Rio de Janeiro. A partir de uma descrição detalhada dessa prática, Waga nos mostra as etapas de sua pesquisa de campo por meio da instigante noção de “escrita com o corpo”. De fato, é potente quando relata sua experiência corporal-sensorial junto aos seus interlocutores, nessa espécie de “transe”, estado relatado por Rouch (1955), por exemplo, nos rituais *haouka*.

Em “Pérolas e peles: interseccionalidades visuais em brown skin girls”, Katianne Almeida parte de uma experiência pessoal, após cursar uma disciplina sobre epistemologias e feminismos negros, para analisar o videoclipe da música “Brown skin girl”, da cantora Beyoncé, associando-as com colagens, montagens, fotografias e desenhos de sua autoria. Neste sentido, além da centralidade do tema (interseccionalidade) para o nosso campo, é salutar a criatividade e a poética do trabalho, propiciado, especialmente, pela potência das imagens oferecidas, imagens estas que também contêm escrita.

O artigo “Convivendo no quilombo de Mituaçu (PB): de uma coleção etnobotânica a uma coleção de histórias”, coautoria de Aina Azevedo, Aline Paixão e Patrícia Pinheiro, é resultado do projeto de extensão ‘Histórias de quilombo’, realizado em Mituaçu, no município do Conde (PB). A contribuição incorpora diversas e potentes formas expressivas, como fotografias, desenhos (com os mais variados materiais), bordados e montagens, além da própria escrita. O trabalho também se destaca pelo fato de trazer, de forma viva, a relação entre humanos e não-humanos (plantas, água dos rios, animais diversos, a partir de mitos como “Comadre Florzinha” e o “Pai do Mangue”, etc.) e por ressaltar a importância da esfera

doméstica, afetiva, do cuidado, dentro desta comunidade. Tal esfera, de fato, torna-se muito potente a partir das narrativas orais das interlocutoras, pessoas dotadas de um saber/conhecimento fundamental para entender como se dá a “vivência e convivialidade no quilombo de Mituaçu”. A ideia do “caranguejo metodológico” é uma analogia elaborada a partir de um elemento não-humano muito presente na comunidade, instigante para se pensar nos “fios que unem algumas ideias, pessoas, plantas, animais e imagens” na pesquisa. A partir do caranguejo, “uma metáfora do bem viver, por tratar-se de um animal supostamente não-domesticado que transita entre o rio-mangue-roça”, as autoras denunciam temas de extrema relevância, como a poluição dos rios e a morte de peixes e outros animais. Ressaltamos, ainda, a relevância deste que é um trabalho colaborativo em vários sentidos e níveis: seja com as interlocutoras, que nos trazem suas narrativas, memórias, relatos e experiências de vida; seja pela coparticipação das próprias autoras no trabalho de campo e na elaboração do artigo; dando visibilidade e voz aos saberes destas/es quilombolas, historicamente vitimadas/os pelo racismo e invisibilidade.

Emiliano Dantas, no artigo “A imagem enquanto leitura e escrita do mundo: A *palavraimagem* e as *imagensmundo*”, busca refletir sobre as possíveis e necessárias intersecções entre Antropologia e Educação, a partir da associação teórico-metodológica entre Paulo Freire e Tim Ingold. Para tanto, o trabalho parte de experimentações do autor em oficinas *com* imagens (desenhos e fotografias), propondo “usar as imagens como leitura e escrita do mundo em experiências compartilhadas”. A prática do ensino por meio de oficinas com imagens é salutar, e a ênfase num conhecimento compartilhado a partir do “movimento em atenção” (Ingold, 2016) e “movimento dialógico” (Freire, 1989), também.

Valéria de Paula Martins nos apresenta o ensaio fotográfico “Oficinas de antropologia com crianças: imagens de uma proposta de sensibilização para a diferença”, fruto de um longo projeto desenvolvido desde 2014 junto a crianças de 07 a 12 anos, pertencentes a famílias de baixa renda, na cidade de Uberlândia (MG), mais precisamente na região do Triângulo Mineiro. Os encontros dessa oficina tratam de questões fundamentais para nosso campo, como, por exemplo, relações étnico-raciais, de gênero, de trabalho, além de questões ambientais. Além disso, a oficina incentiva as interlocuções por meio de diversas grafias, como fotografias, filmes, desenhos, livros, além de registros e brincadeiras musicais/sonoras, na busca do que Martins chama de uma “Antropologia *com* crianças e não *para* crianças”.

\*\*\*

Assim como novas camadas de relações podem refazer um mesmo ponto de partida sob outros olhares, este dossiê se compõe como mais uma camada dos diálogos antropológicos que buscamos fomentar, como parte de uma confabulação entre muitas e dissonantes vozes. Pensando nessas camadas multissensoriais, encerramos remetendo a uma ideia do inacabado, em toda sua complexidade, com uma imagem de um bordado que *está sendo feito* por Aline Paixão em 2022, com base em um desenho de Aina Azevedo chamado “Canoa de Dona Beré cheia de peixes mortos” - por sua vez elaborado dois anos antes, que está em forma de escrita/desenho no artigo “Convivendo no quilombo de Mituaçu (PB)”. A história que dá conteúdo ao desenho, narrada pela anciã de Mituaçu, dona Beré (*in memoriam*), foi registrada em vídeo por Aline Paixão no ano de 2019.



Bordado de Aline Paixão, a partir de desenho de Aina Azevedo sobre história contada por dona Beré, de Mituaçu, PB. Fotografia: Aina Azevedo, 2022.

### **Referências:**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, v.18, n. 1, p. 27-54, 2004.

HARAWAY, Donna. 2016. *Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes*. *ClimaCom*, ano 3, n. 5, “Vulnerabilidade”, 2016.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

PINHEIRO, Patrícia; MAGNI, Claudia Turra; KOSBY, Marília. Dossiê Antropoéticas: outras (etno)grafias. *TESSITURAS: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 7, 2019. 413 p.